

Representações da Palestina
por Joe Sacco em seu livro
reportagem “Notas sobre
Gaza” (2002-2010)¹

Representations of Palestine
by Joe Sacco in his book
“Footnotes in Gaza” (2002-
2010)

José Rodolfo Vieira²



Resumo: O objetivo desse trabalho consiste em compreender a visão de mundo do jornalista estadunidense Joe Sacco em seu trabalho "Notas sobre Gaza" após o 11 de setembro nos Estados Unidos. Em 2002, depois de trabalhar em conjunto com Chris Hedge para a revista Harpers, Sacco retorna para a Palestina e produz "Notas sobre Gaza". Em suas páginas, o jornalista representou os ataques aos vilarejos de Khen Younis e Rafah em 1956 que deixou mais de 270 mortos do lado palestino. A hipótese norteadora dessa pesquisa leva em consideração a possibilidade da existência de diversos discursos além da posição midiática dos grandes meios de comunicação acerca à "Guerra ao Terror" e a necessidade de retomar os eventos de 1956 na Palestina como maneira de repensar as consequências da guerra contra o terrorismo iniciada pelos Estados Unidos e Israel no Oriente Médio. Para isso, o conceito de representações do historiador francês, Roger Chartier, colabora para a compreensão de sistemas de representações produzidos por grupos distintos que visam em suas estratégias comunicarem de maneira eficaz, ou seja, que seja favorável as suas ideologias e a legitimação de suas ações. Sendo "Notas sobre Gaza" fonte e objeto de nossa pesquisa, compreendemos também que o trabalho de Sacco não é único e muito menos um grande trabalho inovador, mas que a sua produção só foi possível mediante as várias camadas de outros trabalhos acadêmicos e jornalísticos que exprimiam as mais variadas representações acerca dos atentados e dos desdobramentos que as ações estadunidenses de "Guerra ao Terror" desencadearam na Palestina.

Palavras-chave: Neoconservador; Estados Unidos; Representações; História em Quadrinhos.

Abstract: The aim of this work is to understand the worldview of American journalist Joe Sacco in his work "Notes on Gaza" after September 11 in the United States. In 2002, after working with Chris Hedge for Harpers magazine, Sacco returned to Palestine and produced "Notes on Gaza". In his pages, the journalist depicted



the attacks on the villages of Khen Younis and Rafah in 1956 that left more than 270 dead on the Palestinian side. The hypothesis behind this research takes into account the possibility of diverse discourses besides the media position of the mainstream media about the “War on Terror” and the need to resume the 1956 events in Palestine as a way to rethink the consequences of war against terrorism initiated by the United States and Israel in the Middle East. For this, the concept of representations of the French historian, Roger Chartier, collaborates to the understanding of systems of representations produced by distinct groups that aim at their strategies to communicate in an effective way, that is, to favor their ideologies and the legitimation of their actions. Being “Notes on Gaza”, the source and object of our research, we also understand that Sacco’s work is not unique and much less a groundbreaking work, but that its production was only possible through the various layers of other academic and journalistic works that expressed the most varied representations about the attacks and developments that the US “War on Terror” actions had unleashed in Palestine.

Keywords: Neoconservatives; United States; Representation; Comics.

José Rodolfo Vieira
Representações da Palestina por Joe Sacco em seu
livro reportagem “Notas sobre Gaza” (2002-2010)



Introdução

“Notas sobre Gaza” foi produzida pelo jornalista estadunidense Joe Sacco que nasceu na Ilha de Malta em 1960 e se mudou ainda jovem para os Estados Unidos. Em 1981 formou-se em jornalismo pela Universidade do Óregon. No entanto, não chegou a exercer sua profissão em nenhum jornal de destaque nos Estados Unidos. Construiu sua carreira de editor na editora de Seattle para Histórias em Quadrinhos alternativos *Fantagraphic Books*. Em 1988 publicou seu primeiro trabalho em Histórias em Quadrinhos, denominada “Yahoo!” (No Brasil, “O Derrotista”, publicada pela Conrad Editora em 2006), trabalho cujo autor havia representado sua própria vida como jornalista e algumas pequenas historietas criticando atitudes violentas de governos e ideologias como o comunismo e o liberalismo econômico. Mas seu maior trabalho como autor e desenhista foi “Palestine” de 1991-1996 que o rendeu o prêmio *Award Books* de 1996 pela originalidade de seu trabalho. Em “Palestine”, Sacco viajou para os territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza dois anos após o início da Primeira Intifada Palestina de 1987 e coletou entrevistas com testemunhas oculares do evento.

Em 2002, após acompanhar Chris Hedge para a produção de uma reportagem sobre a Palestina para a revista *Harpers*, Sacco mencionou o descontentamento com o recorte editorial sobre uma entrevista com um *ex-fedayeen*⁵ e então atual membro do Hamas, El-Rantisi. Tal descontentamento despertou o interesse de Sacco sobre os eventos de 1956 em Rafah e Khen Yunis. Conforme suas pesquisas sobre o assunto, não havia quase nada publicado em língua anglo-saxônica sobre os ataques aos dois vilarejos (SACCO, 2010, p. vii). Motivado por essa lacuna acerca dos ataques aos dois vilarejos, entre 2002 e 2009 (considerando o tempo de viagem e o processo de produção), Sacco publicou “Notas sobre Gaza” em 2009 pela editora britânica Jhonatan Cape.

Ao contrário de uma História em Quadrinhos tradicional, se assim podemos denomina-la, cujo enredo apresenta início, desenvolvimento e encerramento da narrativa, “Notas sobre Gaza” diferencia-se nesse ponto por não dar ao seu leitor um desfecho encerrado. Sua narrativa consiste em relatos de palestinos, confrontações de suas memórias com documentos oficiais das Nações Unidas e críticas ao jornalismo estadunidense. Dan Mazur e Alexander Danner (2014) em um intenso trabalho sobre o desenvolvimento dos *comics* nos Estados Unidos, Europa e Japão, inserem os trabalhos de Joe Sacco aos quadrinhos de memórias e relatos ditos reais. Segundo os autores:



Outras formas de não ficção atraíram fortemente os autores de *graphic novels*. O jornalismo em quadrinhos é um campo emergente, liderado por Joe Sacco, que continuou a documentar personagens e eventos em áreas do mundo devastadas por guerra, da Palestina (1996) ao conflito na Bósnia em *Safe Area Gorazde* [Área de Segurança Gorazde] (2000) e *The Fixer* (2003), antes de retornar à Gaza ocupada, para a sua mais ambiciosa e importante obra de investigação histórica, *Footnotes in Gaza* [Notas sobre Gaza] (2009), que apresentava o ponto de vista palestino em dois supostos massacres pelas tropas israelenses durante os anos 1950 (MAZUR; DANNER, 2014, p. 300).

Santiago Garcia (2012, p. 275) também enfatiza o papel jornalístico no trabalho de Sacco. Segundo suas análises os princípios subjetivistas do “Novo Jornalismo” são utilizados com absoluta liberdade pelo autor. Essa mesma liberdade, continua Garcia, colocou em primeiro plano a perspectiva individual como consciência organizadora da narrativa. Portanto, os trabalhos realizados por Joe Sacco são relevantes tanto no movimento alternativo quanto no movimento dos quadrinhos jornalísticos. Além disso, acrescentamos ainda o conceito que Edivaldo Pereira Lima (2004) denomina de livro reportagem. Conforme suas palavras o livro reportagem tem por função informar e orientar o jornalismo impresso cotidiano ao focar nas brechas deixadas pela imprensa e conseqüentemente amplia para o leitor a compreensão sobre a realidade (LIMA, 2004, p.61).

Como livro reportagem, “Notas sobre Gaza” também tem suas características de reportagem histórica. Conforme Lima (2004, p. 54) o livro reportagem de cunho histórico “Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual”. Dessa maneira, compreendemos para esse trabalho que a conjuntura pós 11 de setembro de 2001 é de extrema importância para a conexão do passado abordado por Sacco na Palestina – os massacres as aldeias de Khen Younis e Rafah-, e o presente. Portanto, devemos também nos atentar na própria temporalidade dos acontecimentos, pois, não estamos lidando somente com o 11 de setembro, mas também com outros acontecimentos no Iraque, no Afeganistão e especialmente na questão da Palestina.

Se consideramos que “Notas sobre Gaza” tem suas características enraizadas



não somente na narrativa dos ataques aos vilarejos de Khen Younis e Rafah, mas também aos acontecimentos presentes ao seu processo de produção, então devemos levar em consideração o quadro histórico que permeia os acontecimentos pós 11 de setembro de 2001 e as questões que envolvem o terrorismo. Ao 11 de setembro somaram mais de três mil mortos, e pode ser considerado o maior assassinato em massa desde a bomba nuclear contra Hiroshima em 1945. No entanto, é importante observar que os ataques terroristas contra o Ocidente não tiveram início com esse evento. Segundo Peter Demant (2013), os ataques do mundo muçulmano contra alvos ocidentais não são totalmente desconhecidos, mas, ao contrário das Torres Gêmeas, os objetivos estavam em geral no próprio Oriente Médio. Dentre eles, o assassinato do embaixador francês no Líbano em 1981. Houve também os sequestros de aviões e atentados terroristas comandados por palestinos contra judeus após a Guerra dos Seis Dias em 1967, devido a anexação de territórios palestinos por israelenses, e o ataque a uma boate em Berlim frequentada por estadunidenses em 1988 que deixou três mortos e 230 feridos.

A intensificação dos ataques terroristas ao Ocidente tiveram seu ápice em 1991 com os eventos posteriores a Guerra do Golfo. Uma série de ações do governo em Washington abalou ainda mais a já estremecida relação com o Oriente Médio. Dentre elas, a ocupação do território considerado sagrado pelos muçulmanos na Arábia Saudita, o apoio dado a Israel no processo de paz que então fora execrado pelos islamitas – Acordo de Oslo de 1993 -, e a intensificação de sanções ao Iraque de Saddam Hussein que consequentemente penalizava o povo iraquiano. Esses acontecimentos podem ser considerados o estopim para a escalada de violência dos grupos fundamentalistas islamitas contra o Ocidente. O ritmo e o alcance dos ataques aceleravam no final de década de 1990. Em 1998 a Al-Qaeda, ainda pouco conhecida no cenário mundial, explodiu duas embaixadas estadunidenses, uma na Tanzânia e outra no Quênia. Esta tinha sido o ataque mais violento e tecnicamente com êxito para o seu planejador, o milionário engenheiro saudita Osama Bin Laden (DEMANT, 2013, p. 288).

Inicia-se assim uma nova etapa com Bin Laden. Baseado em uma ideologia fanaticamente antiocidental, enfatizava a guerra do Islã contra o Ocidente. Considerava que a luta necessitava ser levada ao coração do inimigo, ou seja, para o próprio Ocidente. Em uma declaração em 1998 acusa os Estados Unidos e seus habitantes de três crimes específicos contra Deus: o sofrimento imposto aos iraquianos, o apoio à ocupação da Palestina por Israel e por fim e não menos importante a invasão a locais sagrados da Arábia. Os efeitos dessa ideologia



levaram então para os ataques do 11 de setembro (LEWIS, 2004).

Com os ataques de 2001, Bin Laden levou o “Terror” para dentro dos lares estadunidenses. Para o então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, tais atentados foram considerados uma declaração de guerra. No entanto, o inimigo de agora se escondia na fórmula do terrorismo. A ala neoconservadora dos Estados Unidos encontrou a brecha que precisava para criar um novo inimigo pós queda da União Soviética (KIERNAN, 2009, p. 423). Segundo o filósofo Slavoj Žižek (2003, p. 14), os neoconservadores estadunidenses, após o 11 de setembro, mobilizaram o principal ingrediente da ideologia politicamente correta que desprezava, ou seja, a lógica da vitimização. Ainda segundo Žižek:

Dentro da mesma tendência, comentaristas de direita, como George Will, também se apressaram a proclamar o fim das ‘férias americanas da história’ – o impacto da realidade demolindo a torre isolada da atitude liberal de tolerância e o foco dos Estados Culturais na textualidade. E agora somos forçados a contra-atacar os inimigos reais do mundo real [...]. Mas a quem devemos atacar? (ŽIZEK, 2003, p. 50-51).

Agora, o sentimento de insegurança é fortalecido, pois, não se sabe mais quem é o verdadeiro inimigo. Ao contrário da Segunda Guerra Mundial quando o inimigo era materializado na imagem do nazista totalitário ou do japonês imperialista, ou mesmo da Guerra Fria que o inimigo declarado era o soviético, agora o inimigo é invisível e pode estar inserido dentro da própria sociedade estadunidense. Esse quadro gerou um sentimento de incerteza sobre o futuro, o que se tornou um campo propício para os argumentos neoconservadores. O livro “O dilema americano” de Francis Fukuyama, pode ser elucidador sobre os argumentos neoconservadores desse período. Em seu livro, Fukuyama (2006, p. 16-17), afirma que os intelectuais neoconservadores já haviam proposto uma agenda para a política externa para os Estados Unidos antes das eleições de 2000. Nessa agenda, conceitos como mudança de regime, hegemonia benevolente, unipolaridade, preempção e excepcionalidade americana eram os principais pontos levantados pelo grupo. Esses conceitos, segundo Fukuyama, passaram a ser marcas profundas do governo de Bush em sua política externa.

Os resultados dessa empreitada estadunidense, ou pelo menos dos neoconservadores, possibilitou que a partir de 2002 ocorresse a condenação das obrigações do país em tratados e também das convenções que até então



propunham a arquitetura do sistema de poder internacional. Tudo isso em função de uma supremacia supostamente duradoura em uma guerra ofensiva de grande proporção tecnológica capaz de ser um dos únicos, se não o único país em empreender ações militares pelo planeta (HOBSBAWM, 2007, p. 48).

A fim de consolidar a ideologia neoconservadora pós 11 de setembro, a propaganda política deveria ser efetiva para instigar a população a apoiar as aventuras externas dos Estados Unidos. Um crítico ao sistema de informações estadunidense encontra-se na figura de Noam Chomsky. Em seu livro o autor discorre que Washington é muito eficiente em conduzir a opinião pública para a legitimação de suas ações. Baseado nas ideias de Walter Lippman sobre a "construção do consenso" governamental, Chomsky (2013, p. 21) afirma que a propaganda política está para a democracia assim como o porrete está para um regime totalitário. Ou seja, existe um "rebanho desorientado" que sempre deve estar de acordo com os interesses comuns do governo. Dessa forma, a propaganda política adquire excepcional poder de manipulação e legitimação dos atos governamentais.

O trabalho de Aline Rabello (2006) colabora na compreensão da construção do novo inimigo após o 11 de setembro. Rabello pesquisou entre 12 de setembro e 10 de outubro de 2001 o conceito de terrorismo nos periódicos *The New York Times* e no *Washington Post*. Conquanto, o recorte temporal de Rabello não é muito extenso, mas de suma importância, pois, compreende o dia seguinte após os atentados dirigindo-se até a entrada dos Estados Unidos no Afeganistão, nessa curta duração a pesquisadora representou como o conceito de terrorismo foi moldado para a atual situação. Como aponta Rabello (2006, p. 12), o conceito de terrorismo é construído socialmente, tem seu significado modificado e alterado conforme as necessidades dos governos e grupos que combatem o governo. Nessa rede de construção, o governo, a sociedade e a mídia fazem parte desse construto. Em vista dos episódios de 2001, Washington necessitava tanto de apoio como legitimidade para colocar em cena seus planos contra o Oriente Médio. Dessa forma, os grandes veículos de informação foram necessários para a legitimação das ações governamentais. Associados ao conceito analisado por Rabello, vários termos utilizados pela mídia estadunidense, tais como "guerra santa", fanatismo religioso, violência e atrocidade, todos muitas vezes repetidas para descrever as motivações dos atentados. Somente três vezes, dentre mais de quarenta reportagens analisadas por Rabello, apontam a divisão de culpa dos atentados com as ações dos Estados Unidos no Oriente Médio como motivações para Bin Laden.



Assim sendo, nossa hipótese norteadora considera a possibilidade da existência de discursos diversos além da posição midiática dos grandes meios de comunicação acerca à “Guerra ao Terror” e a necessidade de retomar os eventos de 1955 na Palestina como maneira de repensar as consequências da guerra contra o terrorismo iniciada pelos Estados Unidos e Israel no Oriente Médio após os acontecimentos de 2001. Diante desse quadro, não é nossa intenção delimitar a existência de um grupo social dominante e outro dominado. Mas torna-se importante compreender que de um lado existe um grupo social que tenta interiorizar um sistema de representações acerca do terrorismo e sua violência, os perigos do mundo muçulmano e o medo derivado dos ataques aos Estados Unidos. Por outro lado, há um grupo social que produz um sistema de representações que vai de encontro ao discurso de ódio e medo ao mundo muçulmano. As percepções desse mundo social, construído pelos meios de comunicação, não são de forma alguma neutras, mas, produzem estratégias e táticas que tendem a impor autoridade à custa do outro, com intuito de legitimar um projeto reformador ou justifica-lo para os próprios indivíduos as suas condutas e escolhas (CHARTIER, 1990, p. 17).

Considerando “Notas sobre Gaza” como fonte e objeto para esse trabalho, dispensaremos atenção ao seu formato, ou seja, tanto como livro material e como gênero em Histórias em Quadrinhos. Enquanto livro, observaremos as relações para seu processo de produção. Analisaremos como seu texto combina-se e opõe-se a outros textos antecedentes, como se destaca contra um fundo construído por uma massa coletiva de outras formas de linguagem, de outras formas literárias recebidas e apropriadas pelo autor, conhecimento adquirido que reativa, critica e acrescenta ao seu texto. Analisar então as outras camadas e acidentes que compõem o texto e que os escolhe como o seu local e sua vizinhança (STAROBINSKI, 1976, p. 134). Dessa maneira, não consideramos o trabalho de Sacco como único e inédito sobre o tema abordado por ele, mas, uma construção coletiva de outros textos que correspondem ao mesmo sistema de representações produzido por ele. Trabalhos que da mesma forma que Sacco, vão de encontro ao discurso de medo e ódio aos muçulmanos.

Enquanto Histórias em Quadrinhos, abordaremos a linguagem empreendida pelo autor para produzir seus sistemas de representações. Em um primeiro momento estaremos atentos aos suportes de produção, formas de construção de enquadramentos e o estilo e adequação de sua técnica, pois, esses acessórios da imagem são resultado daquilo que o autor tenta dizer para o seu leitor (EISNER, 2010, p. 7). A observação desses acessórios de produção são indispensáveis para



uma descrição primária das imagens e dos elementos que compõem a imagem (balões, letreiramento, enquadramento, recortes, planos de perspectivas e narrativa). Somente após o tratamento primário desses elementos que será possível então investigarmos os códigos de comunicação presentes na estrutura articulada pelo autor. Por isso, a análise descritiva primária permitirá uma série de interrogações que vão além do fenômeno específico e nos obriga a correlacionar com outras ordens de fenômenos além da descrita inicialmente (ECO, 1998, p.150). Tudo isso se torna necessário para a análise das estratégias de resistência de Sacco diante das práticas impostas para a produção de seu trabalho. Pois, são os fenômenos não descritos que possibilitam questionar e compreender mensagens nas entrelinhas de seu trabalho.

As “Notas de Rodapé” do conflito palestino

Antes de darmos início a análise da fonte de pesquisa desse trabalho, é importante analisar o quadro histórico que permeia os desdobramentos após o 11 de setembro de 2001. Já é de conhecimento que o governo estadunidense não tardou em responder os ataques realizados pela Al-Qaeda ao território estadunidense. Como foi observado, Washington iniciou a agenda neoconservadora de políticas externas contra o eixo do mal e atacaram em um curto prazo de tempo o Afeganistão e o Iraque. Contudo, essas respostas por parte do governo de Washington não foram realizadas do dia para a noite. Os EUA são um país muito sensível à opinião pública e era de extrema importância conseguir o seu apoio antes de realizar qualquer manobra militar no Oriente Médio. Contudo, comentaristas como Noam Chomsky, por exemplo, acreditam na “construção do consenso”, ou seja, enfatiza que existiam nos Estados Unidos uma forte tendência das relações-públicas em manipular e direcionar a opinião dos estadunidenses. Dessa maneira, o que tentaremos responder nas próximas páginas são os desdobramentos e os processos envolvidos na construção de um sistema de representações que tendiam a manipular ou direcionar a opinião pública após o 11 de setembro. Após a análise desse processo, analisaremos “Notas sobre Gaza” como parte de um sistema de representações contrário aos disseminados pelo governo estadunidense.

Por meio das fontes literárias procuramos algumas referências que pudessem responder a reação da população estadunidense e o estado da opinião pública diante dos acontecimentos do 11 de setembro. Para Chomsky (2003, p. 31) a opinião pública nos Estados Unidos estava dividida entre uma jornada de



retaliação contra os muçulmanos e o clamor pela paz e a busca de outras opções aquém da intervenção militar. Dessa maneira, a “construção do consenso” nos Estados Unidos seria colocada em prática para legitimar as ações militares que futuramente ocorreriam. Nos relatos de Susan Willis são representados o surgimento de um exacerbado sentimento de nacionalismo e patriotismo entre os estadunidenses.

Imediatamente após os ataques ao World Trade Center, os Estados Unidos responderam com o rápido desfraldar da bandeira norte-americana. A ânsia por exibi-la inflamou-se graças à fotografia de três bombeiros que a hasteraram – no estilo da famosa imagem produzida em Iwo Jima – sobre os escombros no sul de Manhattan; essa foto seria exibida nas páginas dos jornais de todo o país. O desejo de perpetuar a heroica imagem levou a companhia de desenvolvimento Forest City Ratner a encomendar uma estátua, feita a partir da fotografia, que será colocada na sede do corpo de bombeiros da cidade de Nova York (WILLIS, 2008, p. 17).

Conforme as palavras de Willis havia então um processo de construções simbólicas motivados pelos mais variados sentimentos. O simbolismo da bandeira estadunidense e a conversão dos bombeiros do WTC a mesma categoria heroica dos soldados de Iwo Jima são representações concretas de nacionalismo e patriotismo exacerbado causado pelo colapso das torres. Nessa euforia sentimental que se encontrava os estadunidenses, funcionários do governo americanos como o Secretário do Governo Bush, Donald Rumsfeld, e o Procurador-Geral John Ashcroft, faziam declarações públicas problemáticas a favor da tortura de Abu Zubaydah, o segundo em comando da Al-Qaeda. Em uma transmissão no dia 05 de abril de 2002 na TV estadunidense NBC, Rumsfeld dizia abertamente que deveriam torturar Zubaydah (ZIZEK, 2003, p. 125-127). Ainda na mesma oportunidade, Rumsfeld criticava e acusava jornalistas que haviam manifestado em demasia a preocupação com o bem-estar de Zubaydah.

O que é alarmante nessa declaração é que Donald Rumsfeld era então o Secretário de Defesa do governo de Bush. Essa declaração pode ser considerada alarmante pelo fato de ir contra os princípios e os valores ocidentais, especialmente os valores disseminados pelos Estados Unidos. Samuel Huntington, em sua tese de que após a Guerra Fria os novos conflitos seriam uma guerra entre as civilizações, reconhece os Estados Unidos como o



principal representante da civilização Ocidental. Além disso, o autor reconhece que como nação missionária, os Estados Unidos estão convencidos de que os povos não-ocidentais deveriam se dedicar aos valores estadunidenses como o individualismo, o império da lei e os direitos humanos (HUNTINGTON, 1997, p. 228). Essa situação representa um claro momento de contradição entre os ideais ocidentais, pois, se para o alicerce da civilização ocidental reside entre seus pilares os direitos humanos, por outro lado, a necessidade de legitimar uma guerra contra o terrorismo não pouparia a possibilidade de romper com essa estrutura. Assim sendo, esse nacionalismo patriótico exacerbado por parte da população estadunidense e o processo de reconhecimento do inimigo árabe fundamentalista foram os catalisadores para agenda neoconservadora de guerra preventiva. Como é de nosso conhecimento, os Estados Unidos invadiram ainda em 2001 o Afeganistão e em 2003 o Iraque de Saddam Hussein. Tais acontecimentos foram possíveis graças a Estratégia de Segurança Nacional, que, segundo Zizek:

[...] o poder militar americano deve permanecer 'fora de qualquer contestação' no futuro previsível; dado que hoje o principal inimigo é um fundamentalista 'irracional' que, ao contrário dos comunistas, carece até mesmo do sentido elementar de sobrevivência e do respeito de seu próprio povo, a América tem o direito a ataques preventivos, ou seja, a atacar países que ainda não representam uma ameaça clara contra os Estados Unidos, mas que, no futuro, poderiam. Apesar de deverem procurar formar coalizões internacionais ad hoc para tais ataques, os EUA devem se reservar o direito de agir independentemente caso não consigam reunir o apoio internacional suficiente (ZIZEK, 2003, p. 9).

Enquanto a agenda neoconservadora e os preceitos da política externa estadunidense eram colocados em prática, pensadores como Bernard Lewis, historiador britânico e judeu, considerado como um dos grandes especialistas sobre o Oriente Médio no Ocidente, afirmava que o governo dos Estados Unidos não estava direcionando uma guerra contra o Islã ou contra o mundo muçulmano, mas sim contra uma pequena parcela de árabes fundamentalistas muçulmanos. Conforme Lewis:

O Presidente Bush e outros políticos ocidentais têm feito grandes



esforços para deixar claro que a guerra na qual estamos engajados é uma guerra contra o terrorismo – não contra os árabes ou, em termos mais gerais, contra muçulmanos, instados a se juntarem a nós nessa batalha contra o inimigo comum. A mensagem de Osama bin Laden é o contrário disso. Para ele e seus seguidores, essa é uma guerra religiosa, uma guerra do islã contra os infiéis e, portanto, inevitavelmente, contra os Estados Unidos, a maior potência do mundo infiel (LEWIS, 2004, p. 11).

No entanto, as palavras de Lewis figuravam divergir dos acontecimentos no Oriente Médio. Sendo Israel um aliado dos Estados Unidos na região, as medidas de Guerra ao Terror possibilitaram que o Estado Judeu fortalecesse sua repressão contra o movimento da Segunda Intifada Palestina⁴ que ocorria desde 2000 nos territórios ocupados. Segundo André Gattaz (2003, p. 206), houve uma mudança significativa no conflito entre israelenses e palestinos após 11 de setembro de 2001. Dentre elas o autor aponta o fortalecimento dos grupos nacionalistas islâmicos e a intensificação das agressões por parte do exército de Israel. Os resultados dessa mudança pós o 11 de setembro de 2001 na Palestina podem ser observadas no levantamento realizado pela Uppsala University (2018), pois, conforme o mapeamento de mortes por conflitos bélicos pelo mundo, dados levantados desde 1989, registraram 5208 mortes na região entre 2000 a 2009, contra 608 registradas entre 1990 a 1999. Ou seja, após o início da Guerra ao Terror houve na região uma enorme escalada de violência. Das 5208 mortes, 4137 são de responsabilidade do governo de Israel.

Podemos então considerar que Lewis negligenciava os acontecimentos no Oriente Médio, especialmente a situação entre Israel e Palestina? A prática de negligenciar e controlar as informações sobre o Oriente Médio nos Estados Unidos e no Ocidente não é recente. Edward Said (1990), conhecido por desenvolver o conceito de “Orientalismo”, discute que o Oriente é uma criação do Ocidente. É um espelho daquilo tudo que é repugnado por um ocidental. São representações criadas conforme as necessidades políticas do Ocidente, sempre voltadas pela vontade de dominação sobre o Oriente desde as Cruzadas medievais perpassando pela dominação Neocolonialista na região. São interpretações carregadas de símbolos próprios e subjetivos que não tem outra função a não ser ofuscar a realidade sobre o que é realmente o Oriente. Tal expediente foi possível, segundo Said (1990), pela padronização forçada da mídia e pela academia a respeito do Oriente. Conforme o autor;



A televisão, os filmes e todos os recursos de mídia forçaram a informação para dentro de moldes cada vez mais padronizados. No que diz respeito ao Oriente, a padronização e a estereotipação cultural intensificaram o domínio da demonologia e imaginativa do "Oriente misterioso", Em lugar algum isso é mais verdadeiro que nos modos como o Oriente Próximo é compreendido. Três coisas contribuíram para transformar até mesmo a mais simples percepção dos árabes e do islã em uma questão altamente politizada, quase áspera: uma, a história do preconceito popular antiárabe e anti-islâmico no Ocidente, imediatamente refletido na história do orientalismo; duas, a luta entre os árabes e o sionismo israelita e os seus efeitos sobre o judeu americano, bem como sobre a cultura liberal e a população em geral; três, a quase total ausência de qualquer posição cultural que tornasse possível, seja identificar-se com os árabes e com o islã, seja discuti-los com isenção. Além disso, quase não é preciso dizer que, posto que o Oriente Médio está hoje identificado com a política das Grandes Potências, com a política do petróleo e com a dicotomia simplista do democrático e amante da liberdade Israel e os árabes maus, totalitários e terrorista, as chances de qualquer coisa parecida com uma visão clara de sobre o que se este falando quando se está falando sobre o Oriente Próximo são depressivamente pequenas (SAID, 1990, p. 38).

Como apontado por Said (1990), a luta entre palestinos e israelenses é um dos fatores que contribuíram no século XX para a intensificação da padronização negativa muçulmana no Ocidente. Sendo os Estados Unidos uma das maiores colônias judaicas fora de Israel, o *lobby* pró-Israel se tornou muito marcante. Além disso, o grande contingente de judeus migrados para os Estados Unidos entre o século XIX e o século XX, possibilitou que se inserissem na sociedade, abrindo espaço nos meios culturais, como a literatura, a música e posteriormente o controle do cinema em Hollywood (HOBBSAWM, 2013, p. 94-96). O fato de um especialista em Oriente Médio como Bernard Lewis dizer que os esforços da guerra contra o terrorismo não focavam o Islã como um todo, mas somente e irrestritamente aos fundamentalistas jihadistas não se conclui como uma "verdade absoluta". O que faltou em suas palavras foi à sensibilidade de perceber que os fundamentalistas não constituem um Estado



Nação não utilizam uniformes que os distinguem da sociedade civil árabe. Consequentemente, não é que Lewis comentou uma mentira em seu livro, mas leva a questionar a negligência acerca das consequências da guerra contra o terrorismo. Vindo de um especialista, essas palavras reforçam e legitimam ainda mais a agenda da política externa estadunidense.

Diante dessas negligências ou desses buracos deixados pelos discursos jornalísticos e acadêmicos de língua anglofona é que Joe Sacco surge com sua proposta de trabalho. No entanto, segundo Martin Barker (2012, p. 63), "Palestine", o primeiro trabalho de Sacco na Palestina, não havia vendido mais do que 15 mil exemplares anuais, números muito abaixo do esperado pelo gênero e pela editora que estimavam uma vendagem mínima de 20 mil por ano. A partir de 2001, as vendas passam a média de 30 mil anuais, tendo seu ápice em 2003 com mais de 60 mil exemplares no ano. Barker (2012) atribui esse sucesso tardio inesperado as ações políticas e militares dos Estados Unidos envolvendo o Oriente Médio.

Esses números são interessantes para observarmos a possível existência de curiosidade dos estadunidenses pelo mundo muçulmano. Certamente não podemos levar em consideração somente esses números, mas, o aumento exacerbado de exemplares vendidos a partir de 2001 e a continuidade de altas médias de vendas anuais parecem um interessante ponto de partida para outras indagações. Não se pode descartar que o aumento pelo interesse no assunto sobre o Oriente Médio nos Estados Unidos foi um dos fatores que motivaram Sacco a retornar aos Territórios Ocupados. Apesar de afirmar que o interesse para produzir "Notas sobre Gaza" foi ocasionado pelo recorte editorial de seu trabalho pela *Harpers*, os eventos na ordem mundial pareciam propícios para sua produção. Além dos ataques em New York, na Palestina desenrolava a Segunda Intifada e consequentemente o aumento na escalada da violência na região.

Páginas de apresentação

Nas páginas anteriores tivemos o cuidado em compreender a conjuntura histórica que permeava os Estados Unidos após o 11 de setembro. Observou-se que perante a explosão das torres, houve uma mobilização por parte do governo em Washington com o objetivo de colocar em prática a agenda de política externa neoconservadora. O sucesso da implantação da agenda necessitava do apoio da opinião pública. Tentamos então expor alguns elementos do sistema



de representações que esse grupo utilizou para chegar a seu objetivo. Nas próximas páginas, analisaremos “Notas sobre Gaza” de Joe Sacco como um trabalho que vai de encontro ao sistema de representações que tentava expor para a opinião pública a legitimidade das ações do governo de Washington no Oriente Médio.

No prefácio datado de julho de 2009, Sacco é bem enfático ao afirmar que “Notas sobre Gaza”, apesar de ser desenvolvido por meio da temática dos atentados a Khen Younis e a Rafah em 1956, ambos os casos denominado por ele como “notas de rodapé”, ou seja, eventos desastrosos para os palestinos, mas que por vários motivos não tiveram grande repercussão mundial, também é sobre o presente que seu trabalho tem embasamento. Desde sua viagem com Chris Hedges em 2001 até seu lançamento no final de 2009, o autor diz que acontecimentos referentes a esse período são constituintes nas páginas de “Notas sobre Gaza”. No entanto, nem todos os elementos são explícitos. Muito pelo contrário, muitas referências sobre o presente são implícitas e necessitam de alguns cuidados ao serem analisadas. Diante desses elementos implícitos é que dispensaremos alguma atenção nesse momento.

Por exemplo, algo que chamou atenção sobre esses elementos implícitos corresponde ao fato de “Notas sobre Gaza” não ter sido publicado inicialmente nos Estados Unidos como tinha sido “Palestine”. Sacco havia trabalhado no final da década de 1980 e início de 1990 em uma editora alternativa de quadrinhos, e a mesma já havia publicado seus trabalhos anteriores. No entanto, “Notas sobre Gaza” foi publicada pelo selo britânico da Jonathan Cape. Tudo poderia indicar que somente ocorreu uma troca de editora, visto que Sacco havia se mudado para Londres e iniciado seus trabalhos no *The Guardian*. Porém, Art Spiegelman, quadrinista muito conhecido por seu trabalho “Maus”, residia e trabalhava nos Estados Unidos, havia publicado “A sombra das torres ausentes” em língua inglesa. Diferente do caso de Sacco, sua publicação aconteceu na Alemanha. A resposta para essa situação pode ser esclarecida pela análise dos “Dois sistemas” de Edgar Morin. Segundo Morin (1969, p. 26), há duas maneiras de o Estado interferir na Indústria Cultural. A primeira maneira de intervenção é denominada de negativa, que pode ser efetuada por meio de censura ou controle. A segunda manifestação do Estado na Indústria Cultural é a intervenção positiva, que pode ser dada de maneira politizada, domesticada ou orientada. Assim sendo, ao que tudo indica mesmo as editoras de iniciativa privada não estavam entregues as leis de mercado, mas também a um controle daquilo que poderia ou não ser dito.



Mesmo o interesse pelo mundo muçulmano ter crescido após o 11 de setembro, o assunto poderia ser considerado um tabu, certamente por trazer lembranças dolorosas de perda. Mas não seria somente esse o caso para o policiamento dos Estados Unidos para quadrinhos como os de Sacco e Spielgeman. Ambos os autores questionam as ações da política exercida pelo governo Bush e as relações históricas com o Oriente Médio. "Notas sobre Gaza" dá a sensação ao seu leitor de humanização do inimigo, dá um rosto e uma historicidade para o povo palestino. Enquanto os sistemas de representações ditas oficiosas se esforçavam para transmitir a imagem de uma guerra justa, que visava somente os fundamentalistas jihadistas como alvos das operações, Sacco representava uma visão de mundo totalmente dispare, cuja ocupação israelense desalojava e destruía casas em nome da luta contra o terrorismo perpetrado pelo Hamas e outros grupos fundamentalistas islâmicos. Por isso, é importante ressaltar que seu trabalho é totalmente parcial pró-palestina e esse fato foi um dos grandes pontos de crítica aos seus trabalhos.

Além dessas táticas empreendidas na esfera editorial devido o controle domesticado, politizado e orientado por parte do governo de Washington, também foram necessárias táticas para o processo de produção e pesquisa de "Notas sobre Gaza". Compreendemos como produção aquilo que esteja relacionado ao tempo que Sacco desenhou e escreveu seu trabalho (2005-2009). Para essa pesquisa delimitamos o período correspondente aos dias em que esteve na Palestina para a coleta de dados (2001-2002). Certamente a opção em escrever sua narrativa no gênero Histórias em Quadrinhos muito tem a ver com o sucesso repentino de seu trabalho anterior após 2001. No entanto, no que se refere às imagens, desenhar parece ser uma prática muito mais vantajosa, e menos perigosa, do que fotografar. Quando Sacco produziu "Palestine", afirma que realizou entrevistas de forma tradicional, e utilizava um bloco de papel, ou até mesmo um livro para rascunhar seus desenhos (SACCO, 2011, p. xviii). Escondia as anotações e os rascunhos com medo de perder tudo para um soldado de patrulha. O jornalista e professor universitário José Arbex Junior (2002) visitou a Palestina em 2002 e descreveu sensação de medo muito parecida com a descrita por Sacco. Segundo Arbex Junior:

Filas imensas se formam diante dos guichês de controle, enquanto cada pessoa que chega passa por um demorado e meticuloso interrogatório oficial da alfândega. Querem saber tudo: o que você pretende fazer em Israel, quantos dias vai permanecer, onde



vai ficar. Dependendo da resposta, você simplesmente é barrado (ARBEX JUNIOR, 2002, p. 21).

Nesse caso, Arbex Junior (2002) enfatiza o medo, por parte de sua experiência, de poder perder todo material na bolsa caso possua algo que não condiz com as convicções de Israel sobre o que está acontecendo nos Territórios Ocupados. No caso de Sacco, mesmo que por ventura tivesse seu material confiscado pelos soldados israelenses, nada o impediria de fazer novas anotações para futuros desenhos. Ao contrário da fotografia, o autor não tinha o risco de perder seus registros imagéticos, ter sua câmera quebrada ou os filmes perdidos nas confusas ruas palestinas.

Desenhar também pode ser uma estratégia no sentido de poder produzir com liberdade. Após a Guerra do Vietnã, especialmente o governo dos Estados Unidos, passaram a ter ressalvas com a presença de jornalistas nos campos de batalha. Conforme Jorge Prado Souza (2000, p. 199) após as imagens terem papel decisivo sobre a opinião pública na Guerra do Vietnã, novas tentativas de controle a movimentação dos jornalistas e fotógrafos nos cenários bélicos foram impostas. Para Souza, a prática mais utilizada pelos militares corresponde aos *pools* de jornalistas. A prática consiste em um itinerário pré-estabelecido pelos militares em locais que jornalistas e fotógrafos possam estar. Além do controle dos locais, os jornalistas só são autorizados a entrar em zonas de conflito quando acompanhados de militares. Dessa forma, ao contrário dos fotojornalistas, Sacco pode montar suas imagens com maior liberdade, registrar com o olhar o local que observa e depois sentar em sua mesa e desenhar como melhor lhe convém, pois, não depende do aqui e agora do fotógrafo. Pelo contrário, toda a produção de “Notas sobre Gaza” foi realizada muito distante da Palestina, o que possibilitou manipular e intervir nas imagens como melhor convinha.

A liberdade do desenho não está somente na esfera espacial, mas também temporal. Em “Notas sobre Gaza” o cerne da narrativa consiste nas memórias de eventos ocorridos em 1955. Seus desenhos podem transitar entre presente e passado conforme suas intenções. Considerando que seu trabalho corresponde a um livro-reportagem de cunho histórico, cujo tema tem em geral algum elemento que o conecta com o presente e conseqüentemente possibilitando um elo comum com o leitor atual (LIMA, 2004, p. 54), representar os massacres em Rafah e Khen Younis em 1955 podem ter sua conexão com o presente.

As páginas de apresentação são um grande exemplo dessa conexão entre passado e presente no trabalho de Sacco. Conforme Eisner (2010, p. 64) as



páginas de apresentação de uma História em Quadrinhos funciona como uma introdução. Serve como trampolim para a narrativa e conseqüentemente estabelece um quadro de referências. Na figura 1, o autor está em uma boate na Palestina onde se reúnem vários jornalistas do mundo todo. Na primeira linha de quadros há uma sequência de olhares entediados de três jornalistas diferentes. Logo após, a garçonete é solicitada por uma pessoa anônima. O cardápio é repleto de atentados, assassinatos e incursões. Na linha seguinte são representadas imagens de pessoas chorando, primeiramente uma família palestina seguida de uma família judia, e no final da linha de quadros homens e crianças do Hamas carregando um mártir morto. Na última linha mais imagens de crianças chorando seguida por um quadro à direita mais escuro devido aos vários traçados de preto no qual é possível observar vários homens com trajes palestinos sendo atendidos por mulheres também palestinas.

Essa página no início de "Notas sobre Gaza" diz muito sobre as motivações do autor. O tédio no olhar dos hipotéticos jornalistas desenhados por Sacco podem muito bem referenciar seu ponto de vista sobre o jornalismo. Quando é solicitado para a garçonete o cardápio de hoje, é apresentado ao leitor atentados, assassinatos e incursões. O cardápio cotidianamente tem a finalidade de apresentar aos consumidores os produtos disponíveis em um determinado estabelecimento, nesse caso, o "estabelecimento" Palestina que sempre serve aos seus consumidores jornalistas as mesmas opções. Para Sacco, até mesmo sobre a Segunda Intifada já foi tudo escrito, como se fosse uma repetição sem fim das mesmas notícias, "dois mortos!", "cinco mortos!", "vinte mortos!" são sempre as mesmas manchetes a serem noticiadas. A própria repetição faz com que se perca a noção de tempo, ou seja, ninguém nota que os jornalistas possam utilizar a matéria publicada do dia, mês ou ano passado, pois pouco provável que alguém perceberá.

É no último quadro da página que o autor acredita oferecer algo diferente ao seu leitor. Com linhas mais tracejadas no intuito de escurecer mais o quadro, Sacco retorna cinquenta anos dessas repetições de mortes e violência na Palestina. Nesse momento de seu trabalho o presente e o passado encontram-se pela primeira vez. Ao que tudo indica não é somente a apresentação do tema que o autor está dispondo ao seu leitor com esse quadro, mas também uma crítica ao jornalismo. Essa crítica não é novidade nos trabalhos de Sacco. Ao ser perguntado sobre suas motivações de produzir seus trabalhos, o autor é bem enfático ao argumentar sobre a qualidade do jornalismo estadunidense que em sua perspectiva, a cobertura realizada pelos jornalistas sobre o que realmente



acontece na Palestina é vergonhosa e sempre associou os árabes ao terrorismo. Mesmo acompanhando os noticiários na televisão e no jornal, não imaginava quem eram os árabes e o que realmente almejavam (SACCO, 2011, p. xvi).

Os massacres as vilas de Khen Younis e Rafah no ano de 1955, objeto de interesse de Sacco em "Notas sobre Gaza", são considerados por Sacco como "notas de rodapé" da história do conflito entre Israel e Palestina. Conforme suas palavras, pouco ou quase nada sobre o conflito foi produzido pela academia ou escrito em forma de livro em língua inglesa. Ruy Alves Jorge (1975, p. 90) escreveu na década de 1970 que os ataques aos vilarejos de Khen Younis e Rafah tiveram como resultado mais de 270 mortos. No livro de Jorge (1975) somente a data e o número de mortos fazem referência a 1955. Nem mesmo Edward Said ou Noam Chomsky fazem menção ao massacre nos vilarejos. Talvez a própria Guerra do Suez em 1956, entre Egito e Israel, esse último com as forças aliadas da França e Inglaterra tenham ofuscado esse evento na Palestina, ou, para muitos pesquisadores, novembro de 1955 não passasse de mais um dos mais de trinta ataques israelenses a vilarejos palestinos entre 1948 a 1960. Por isso, na perspectiva de Sacco, 1955 pode não ser uma novidade para o jornalismo tradicional, mas a própria falta de referências sobre o acontecimento o motivaram a produzir e compreender esses massacres.

Escrever e desenhar sobre um acontecimento ocorrido em 1955 está na contramão da maioria de seus colegas de profissão que também se encontram na Palestina. Não basta somente criticar os meios de comunicação estadunidenses, mas é preciso fazer algo diferente do que já estava sendo produzido até então. Apesar de escolher como seu objeto dois massacres nas aldeias de Khen Younis e Rafah em 1955, suas motivações também estão muito ligadas ao presente. No decorrer de sua narrativa, a repressão de Israel é explicitamente representada. As intervenções indiretas dos Estados Unidos durante a Guerra Fria também fazem parte dos temas desenvolvidos por Sacco em seu trabalho. Seu objetivo não é produzir para seus leitores uma notícia de primeira mão, mas, vasculhar o passado para compreender o presente. Concomitante ao discurso do medo irracional do terrorismo e a necessidade de uma Guerra ao Terror, "Notas sobre Gaza" representam outra visão de mundo, tanto sobre os palestinos como também sobre o 11 de setembro. Não que ele esteja interessado em culpar os Estados Unidos de toda miséria e atrocidades no Oriente Médio, ou mesmo legitimar os ataques de Bin Laden ao *World Trade Center*. Sua intenção é proporcionar aos seus leitores ocidentais, especialmente os de língua anglo-saxônica, outro ponto de vista daquele discursado pelas grandes empresas



mediáticas.

Por fim, e não menos importante, outro elemento implícito que merece atenção refere-se às datas deixadas por Sacco no final de cada página de seu trabalho. Apesar de existir uma linearidade temporal que inicia em março de 2005 e finda em abril de 2009, existe no decorrer de “Notas sobre Gaza” vários casos em que uma página inteira foi introduzida muitos anos após a produção inicial de um capítulo. Por exemplo, o segundo capítulo intitulado “Notas de rodapé” foi desenhado entre abril de 2005 e maio de 2005. No entanto, existem duas inserções de páginas, uma datada como janeiro de 2009 e a outra datada como fevereiro de 2009. Ao analisar o acervo da UNRWA das Nações Unidas, encontra-se um apelo de recursos imediatos, emitido pela Comissária Geral da UNRWA Karen Koning AbuZayad estimado no valor de U\$ 34 milhões para as vítimas dos ataques israelenses na Palestina. O documento é datado como sendo do dia 02 de janeiro de 2009 e menciona a operação israelense denominada de “Cast Lead”:

Em 27 de dezembro, as forças israelenses lançaram uma operação militar em massa na Faixa de Gaza, codinome “Cast Lead”, cujos objetivos declarados eram acabar com o lançamento de foguetes no sul de Israel. Nos primeiros três dias da operação, centenas de ataques aéreos ocorreram contra uma série de alvos, resultando na morte de mais de 300 palestinos, incluindo 9 estudantes da UNRWA e 2 funcionários da UNRWA, e o ferimento de mais de 800, entre eles um grande número de civis, mulheres e crianças. A campanha de bombardeios já causou grandes danos à infraestrutura pública e a centenas de residências e empresas civis. Vindo na esteira de um ano e meio de severo bloqueio que levou a economia de Gaza à beira do colapso, a operação em curso está dando outro duro golpe a uma população já empobrecida cujos mecanismos de enfrentamento estão quase esgotados. Ele está destruindo o que resta da infraestrutura em ruínas de Gaza e da capacidade de serviço público. Depois de anos de conflito, dificuldades econômicas e convulsões políticas, um confronto militar prolongado trará à população de Gaza a devastação e dificuldades de uma magnitude até então desconhecida, tornando urgente a prestação de assistência humanitária essencial para a maioria dos habitantes de Gaza⁵ (UNRWA, 2009, p. 3, tradução nossa).



Dessa maneira, as inserções de páginas com datas posteriores à produção inicial dos capítulos (nesse caso, produzidas em 2005 com inserções de 2009) conduzem a observações dos acontecimentos presentes que Sacco apropriava no seu cotidiano enquanto produzia “Notas sobre Gaza”. Assim sendo, as “Notas sobre Gaza” não são referência somente aos ataques aos vilarejos em Khen Yunis e Rafah em 1955, mas também as novas “notas de rodapé” que estavam sendo produzidas na escalada da violência na Palestina pós 11 de setembro de 2001.

Sobre isso, as respostas referentes a *review* de Patrick Cockburn em 24 de dezembro de 2009 (na versão impressa do *The New York Times* foi publicada no dia 27 de dezembro de 2009, na página BR13 no *Sunday Book Review* com o título original “*They Planted Hatred in Our Hearts*”) sobre “Notas sobre Gaza” pode ser muito esclarecedor sobre a importância das datas anotadas pelo autor no decorrer de seu trabalho. A carta enviada para o *The New York Times* remetida em 08 de janeiro de 2010 e nominada por Gerald Deutsch, é um exemplo bem interessante para compreendermos não somente a recepção do trabalho de Sacco em sua publicação nos Estados Unidos, mas também sobre como alguns estadunidenses lidavam com as informações sobre os conflitos na Palestina.

Figura 1 - Páginas de apresentação de “Notas sobre Gaza”



Fonte: Sacco (2010, p. 5).



Patrick Cockburn, revisando as ‘Notas sobre Gaza’ de Joe Sacco (27 de dezembro), encoraja aqueles que têm ‘uma ira duradoura contra Israel.’ É lamentável que o artigo omita fatos importantes. Por exemplo, ao concluir sua revisão, ele diz: ‘Em 2005, Israel destruiu unilateralmente os assentamentos judeus e retirou suas forças militares, embora permaneça no controle estrito das fronteiras de Gaza. Em 2007, o Hamas assumiu o controle, e em 2008-9 o enclave passou por um ataque israelita devastador.’ Onde se menciona o crescente número de ataques com foguete do Hamas contra civis israelenses que provocaram o ataque israelense? Onde se menciona as estufas que foram entregues aos moradores de Gaza com a esperança de que eles trariam a paz, apenas para serem destruídos pelos palestinos? Onde se menciona os ataques suicidas contra cidadãos israelenses tornam necessário que Israel controle suas fronteiras? Aqueles que leem a revisão de Cockburn e não sabem os fatos, podem ter simpatia por aqueles que odeiam Israel⁶. (DEUTSCH, 2010, tradução nossa).

Gerald Deutsch inicia sua carta dizendo que “Notas sobre Gaza” é um trabalho que encoraja o ódio contra Israel e continua pontuando que o artigo de Cockburn, que a todo momento fazia referências ao trabalho de Sacco, omitia informações importantes. As informações importantes omitidas, ao que tudo indica na carta de Gerald, são as informações que legitimam os ataques israelenses contra o Hamas. Por exemplo, o enclave de 2008-9 citado por Gerald em sua carta faz referência a operação “Cast Lead”, porém, enquanto Sacco representa nas páginas inseridas de seu trabalho um ataque aéreo para referenciar a operação (SACCO, 2011, p. 8), Gerald faz menções aos ataques com mísseis por parte do Hamas, referência essa que não foi possível ser encontrada nas páginas de “Notas sobre Gaza”.

Assim sendo, as teorias de Chomsky e de Said sobre a negligência e a manipulação de informações parecem coerentes por esse ponto de vista. Claro que também haviam pessoas que pensavam diferente de Gerald. Por exemplo, a carta de Neil Greenberg na mesma seção que encontra a carta de Gerald é muito mais imparcial. Apesar de criticar duramente Sacco, ao dizer que o autor há anos vende o abatimento dos pobres palestinos, Greenberg finaliza sua carta dizendo que “Não é preciso ignorar os próprios pecados de Israel para ver que esta é uma campanha de relações públicas unilateral que retrata anjos e demônios clichês onde existem na realidade seres humanos defeituosos dos



dois lados (GREENBERG, 2010, tradução nossa).⁷”

Considerações finais

No decorrer desse trabalho tentamos compreender a imbricação de discursos sobre o mundo muçulmano e a violência após o 11 de setembro. Partimos do pressuposto de Rabello (2006) de que o conceito de terrorismo é construído socialmente e adaptado a realidade de cada situação. Nesse caso, após os atentados os periódicos *The New York Times* e *Washington Post* enfatizavam o aumento da violência e atrocidade dos ataques, violência essa que chegava a ser comparada com a violência de uma guerra. Compreendemos que tais discursos mencionados por Rabello (2006) colaboraram no discurso governamental de medo e ódio nos Estados Unidos, concomitantes ao plano de Segurança Nacional que futuramente invadiria o Afeganistão e o Iraque.

Rabello (2006) discorre somente o discurso nos dois maiores periódicos estadunidenses. Seu trabalho focou no conceito de terrorismo e como esse conceito alterou de sentido conforme as necessidades atuais dos Estados Unidos. Não levou em conta uma totalidade de periódicos ou mesmo de outros meios de comunicação sobre a condução ou as motivações dos ataques pelos muçulmanos.

Diante de tal situação nos perguntamos se esse discurso unilateral corresponde a um consenso total dos meios de comunicação e dos jornalistas nos Estados Unidos. O trabalho de Sacco, “Notas sobre Gaza” colaborou na compreensão de outra visão de mundo de um jornalista estadunidense após o 11 de setembro. Mesmo seu trabalho não ter mencionando em nenhum momento os ataques em New York, tentamos observar as presenças e ausências de seu discurso e compreender como seu trabalho, mesmo tratando-se do passado, tem muito a dizer sobre o presente.

A publicação na Inglaterra e os vários indícios de modificações nas páginas podem nos dizer muito sobre os cuidados de lidar com o assunto nos Estados Unidos. Inserir páginas para então explicar com maior clareza ou mesmo retirar alguma página que poderia ser facilmente má interpretada ou mesmo ser uma provocação ao sentimento de alguns leitores que ainda não esqueceram a queda das Torres Gêmeas e suas vítimas.

Percebe-se também que, mesmo Sacco fazendo críticas ao jornalismo nos Estados Unidos, ele não é nenhum precursor nesse sentido. Pelo contrário, Noam Chomsky e Edward Said, ambos citados nesse trabalho, já discutiam



sobre essa situação muito antes de Sacco. Além do mais, Sacco é leitor assíduo dos dois autores, Em "Palestine", as referências à Edward Said são explícitas quando Sacco desenha a si mesmo lendo "A questão da Palestina" antes de ir dormir na casa de um palestino. Em "Yahoo!" podemos encontrar citações de Noam Chomsky ao fazer críticas à política estadunidense.

A escolha pelos massacres aos vilarejos de Khen Younis e Rafah também nos remete ao presente momento de sua produção. Enquanto os meios de comunicação citados por Rabello (2006) procuram entender as motivações dos atentados, pontuando o fanatismo religioso e a missão antiocidental, Sacco representa as consequências de uma intervenção militar na Palestina ocorrido quase cinquenta anos antes de sua viagem. Mesmo dizendo que tudo sobre a Segunda Intifada de 2000 já havia sido escrito, ele tinha plena consciência da escalada de violência na região e os motivos que levaram a um número tão elevado de mortes, ou seja, o plano de Segurança Nacional do governo Bush.

Dessa maneira, suas práticas em "Notas sobre Gaza" não diferem das práticas empreendidas pelos dois maiores periódicos dos Estados Unidos. Todos estão falando a mesma língua, a violência e o terrorismo. Enquanto os periódicos baseiam-se nos eventos presentes e enfatizam a violência terrorista nos ataques, Sacco representa a violência terrorista de Estado que levou a morte mais de 270 palestinos em 1956. Portanto, enquanto um sistema de representações legitimava as intervenções que futuramente ocorreram no Oriente Médio, o sistema de representações que Sacco produz vai de encontro ao utilizar o passado como exemplo dos riscos intervencionistas tanto para os muçulmanos como para os estadunidenses.

Referências

ARBEX JUNIOR, José. *Terror e esperança na Palestina*. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

BARKER, Martin. The reception of Joe Sacco's Palestine. *Participations Journal of Audience & Reception Studies*, Newcastle, v. 9, n. 2, p. 58-73, 2012.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CHOMSKY, Noam. *11 de setembro*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.



CHOMSKY, Noam. *Mídia: propaganda política e manipulação*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2013.

DEUTSCH, Gerald. Footnotes in Gaza. *The New York Times*, New York, 8 Jan. 2010. Disponível em: https://www.nytimes.com/2010/01/10/books/review/Letters-t-FOOTNOTESING_LETTERS.html. Acesso em: 10 nov. 2018.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

EISNER, Will. *Quadrinhos arte sequencial princípios básicos e práticos do lendário cartunista*. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FUKUYAMA, Francis. *O dilema americano: democracia, poder e o legado do neoconservadorismo*. Tradução de Novaldo Montigelli Junior. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

GARCIA, Santiago. *A novela gráfica*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GATTAZ, André. *A guerra da Palestina*. São Paulo: Usina do Livro, 2003.

GREENBERG, Neil. To the editor. *The New York Times*, New York, 8 Jan. 2010. Disponível em: https://www.nytimes.com/2010/01/10/books/review/Letters-t-FOOTNOTESING_LETTERS.html. Acesso em: 10 nov. 2018.

HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOBBSAWM, Eric. *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

JORGE, Ruy Alves. *A justiça está com os Árabes: história do conflito árabe-israelense*. São Paulo: [s. n.], 1975.

KIERNAN, Victor G. *Estados Unidos: o novo imperialismo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LEWIS, Bernard. *A crise do islã: guerra santa e terror profano*. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.



LIMA, Edivaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole, 2004.

MAZUR, Dan; DANNER, Alexander. *Quadrinhos: história moderna de uma arte global*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1969.

RABELLO, Aline Louro de Souza e Silva. *O conceito de terrorismo nos jornais americanos: uma análise de textos do New York Times e do Washington Post, logo após os atentados de 11 de setembro*. 2006. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SACCO, Joe. *Notas sobre Gaza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SACCO, Joe. *Palestina*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOUZA, Jorge Prado. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e o seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques; PIERRE, Nora. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 132-143.

UNRWA - UNITED NATIONS RELIEF AND WORKS AGENCY FOR PALESTINE REFUGEES. *Gaza Flash Appeal*. [S. l.]: UNRWA, 2009. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/unrwa-gaza-flash-appeal-january-2009/>. Acesso em: 26 set. 2018.

UPPSALA UNIVERSITET. *Uppsala conflict data project*. Uppsala: Uppsala Universitet, 2018. Disponível em: <http://ucdp.uu.se/#country/666>. Acesso em: 21 set. 2018.

WILLIS, Susan. *Evidências do real: os Estados Unidos pós-11 de Setembro*. Tradução de Marcos Fabris, Marcos Soares. São Paulo: Boitempo, 2008.

ZIZEK, Slavoj. *Bem vindo ao deserto do real: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. São Paulo: Editorial Boitempo, 2003.



Notas

¹Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

²Doutorando pela Universidade Estadual Paulista – Julio de Mesquita Filho (UNESP/Assis). Grande Área das Ciências Humanas, História, História Contemporânea.

³O termo *fedayeen* advém do árabe *fida'i* – aquele que está pronto a sacrificar sua vida pela causa. Segundo Bernard Lewis o termo apareceu pela primeira vez no Irã por intermédio de um grupo terrorista político-religioso da cidade de Teerã. Em 1943, quando o grupo iniciou suas atividades até 1955 quando ocorreu sua extinção, o grupo foi responsável por um grande número de assassinatos políticos. O termo foi revivido pela ala militante da Organização pela Libertação da Palestina (OLP) na década de 1960 (LEWIS, 2004, p.135).

⁴Mais conhecida como “revolta das pedras”, a Intifada representa o levante popular palestino contra a repressão do Estado de Israel nos Territórios Ocupados a partir de 1967. Porém, com fracasso do processo de paz de Oslo (1993) que findava a Primeira Intifada Palestina (1987-1993) concomitante com a deteriorização da situação socioeconômica da população palestina, sujeita ao regime israelense, levaram a população dos Territórios Ocupados mais uma vez a levantar-se em revolta. A reação do exército israelense, excessivamente violenta, provocou a morte de centenas de palestinos, alimentando a fúria de grupos como o Hamas e a Jihad Islâmica (GATTAZ, 2003, p. 191).

⁵No original: On 27 December, Israeli forces launched a massive military operation in the Gaza Strip codenamed “Cast Lead”, the stated aims of which were to end the firing of rockets into Southern Israel. In the first three days of the operation, hundreds of air strikes took place against a range of targets, resulting in the death of well over 300 Palestinians, including 9 UNRWA students and 2 UNRWA staff, and the injuring of more than 800, among them a large number of civilians, women and children. The bombing campaign has already wrought extensive damage to public infrastructure and hundreds of civilian homes and businesses. Coming in the wake of a year and a half of severe blockade that has brought the Gaza economy to the brink of collapse, the ongoing operation is dealing another severe blow to an already impoverished population whose coping mechanisms are nearly exhausted. It is destroying what remains of Gaza’s crumbling infrastructure and public service capacity. After years of conflict, economic hardship and political upheaval, a protracted military confrontation will bring upon the population of Gaza devastation and hardship of a magnitude hitherto unseen, making the urgent delivery of humanitarian assistance essential for the majority of Gazans.

⁶No original: Patrick Cockburn, reviewing Joe Sacco’s “Footnotes in Gaza” (Dec. 27), encourages those who have “enduring anger against Israel.” It’s unfortunate that his article omits important facts. For example, in concluding his review, he says: “In 2005, Israel unilaterally dismantled Jewish settlements and withdrew its military forces, although it remained in tight control of Gaza’s borders. In 2007, Hamas seized control, and in 2008-9 the enclave came under devastating Israeli attack.” Where is any mention of the increasing number of rocket attacks by Hamas against Israeli civilians that prompted the Israeli attack? Where is any mention of the greenhouses that were turned over to Gaza residents with the hope that they would bring peace, only to be destroyed by Palestinians? Where is any mention of the suicide attacks against Israeli citizens that make it necessary for Israel to control its borders? Those who read Cockburn’s review



and don't know the facts may, I fear, come to have sympathy with those who hate Israel.

⁷No original: One doesn't have to ignore Israel's own sins to see that this is a one-sided public relations campaign that portrays clichéd angels and devils where there are in reality flawed human beings on both sides.

José Rodolfo Vieira
Representações da Palestina por Joe Sacco em seu
livro reportagem "Notas sobre Gaza" (2002-2010)